Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

A morte do autor. Um *die-cut* emerge do livro *Os Sertões,* de Euclides da Cunha, a partir de um exemplar com as rasuras, sublinhados e anotações de um leitor especial, o homem que o matou, o militar Dilermando de Assis

Cristiane Costa Marginalia
(Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)[1]

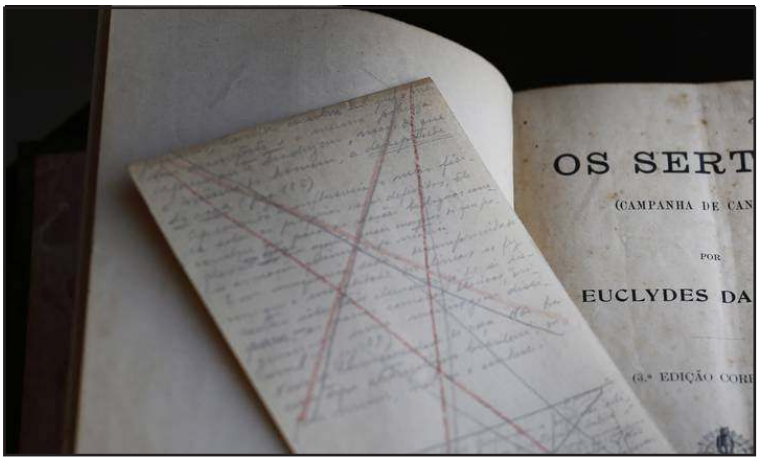
Resumo: Ao literalmente concretizar a metáfora proposta por Roland Barthes sobre a morte do autor, a marginália do homem que matou o autor de uma das maiores obras-primas da literatura brasileira, *Os Sertões: Campanha de Canudos*, cria um livro dentro do livro, estabelecendo um diálogo improvável entre o escritor Euclides da Cunha e seu leitor Dilermando de Assis.

Palavras chaves: Marginália, Die-cut, Literatura brasileira, Euclides da Cunha, Guerra de Canudos.

Abstract: By literally realizing the metaphor proposed by Roland Barthes about the author's death, the marginalia of the man who killed the author of one of the greatest masterpieces of Brazilian literature, Os Sertões: Campanha de Canudos, creates a book within the book, establishing an unlikely dialogue between the writer Euclides da Cunha and his reader Dilermando de Assis.

Keywords: Marginália, Die-cut, Brazilian literature, Euclides da Cunha, Guerra de Canudos.

Recibido: 21 de setiembre. *Aceptado*: 1 de diciembre 2021.



1. Cristiane Costa é professora de Jornalismo da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Comunicação e Cultura, com pesquisa de pós-doutorado sobre novas estratégias para mídias digitais no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (Pacc-UFRJ), é autora de Pena de Aluguel: escritores jornalistas no Brasil (Bolsa Vitae de Literatura) e do romance Sujeito Oculto (Bolsa Petrobras de Produção Literária).

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

Não sou bibliófila. Mas confesso que minhas mãos tremeram quando toquei naquele exemplar com mais de um século de história impresso em suas páginas manchadas pelo tempo. Era como se a profecia sobre "A morte do autor" de Roland Barthes se concretizasse (57-64). Afinal, quantas vezes se ouviu falar num livro em que o leitor literalmente tenha matado o escritor? E mais: que este leitor especial tenha deixado rastros dispersos em folhas soltas e pelas margens de dezenas de páginas de seu rival, anotadas com uma caligrafia surpreendentemente delicada para mãos acostumadas a manejar armas de fogo e espadas. A marginália do militar Dilermando de Assis num exemplar da terceira edição do clássico brasileiro *Os Sertões: Campanha de Canudos*, de Euclides da Cunha, faz deste volume só recentemente descoberto um livro único na história da literatura mundial, mesmo que milhares de exemplares desta obra tenham sido impressos ao longo de mais de 50 edições e centenas de reimpressões desde que foi lançada, em 1902.[2]

Foi também a última edição impressa com seu autor ainda vivo. Euclides chegou a fazer suas últimas correções num exemplar idêntico ao usado por Dilermando, assim como corrigiu as duas edições anteriores. Mas, dado como perdido, este exemplar só foi encontrado em 1914, quando suas mais de 2 mil emendas foram transladadas por Fernando Nery, secretário da Academia Brasileira de Letras, onde Euclides ocupava a cadeira número 7, para outro exemplar da terceira edição. Mistério: este exemplar novamente se perdeu. Ainda assim, é na última revisão de Euclides que as mais recentes edições críticas e comentadas de *Os Sertões,* se baseiam.[3]

A importância de *Os Sertões* está longe de se limitar às fronteiras do Brasil. Coleções de jornais, documentos e livros raros sobre a Guerra de Canudos, assim como uma profusão de estudos sobre o autor e esta obra que é considerada uma pedra fundamental da discussão sobre identidade nacional, podem ser encontrados nas principais universidades e bibliotecas dos Estados Unidos, Europa e América Latina. Mais de um século após sua primeira edição, *Os Sertões* se firmou como um clássico não só da literatura brasileira, mas também da história e das ciências sociais. Pela quantidade de questões que levanta em diferentes áreas, que englobam ainda a geologia e a geografia, é provavelmente o livro com maior fortuna crítica do país.

A obra-prima de Euclides da Cunha conquistou um raro impacto no exterior para um autor brasileiro e foi traduzida em diferentes línguas.[4] Autores consagrados, como o peruano Mario Vargas Llosa e o húngaro Sándor Márai retomaram a impressionante

2. As anotações de Dilermando foram feitas na terceira edição do livro, publicado originalmente em 1902, e que foi lançada em 1905. Cunha, Euclides da. *Os Sertões*. Laemmert, Rio de Janeiro, 1905.

3. Para maiores detalhes ver *Variantes e comentários*, publicado na caixa *Os Sertões: edição crítica e comentada*, organizada por Walnice Nogueira Galvão. Ubu Editora, São Paulo, 2016.

4. A primeira edição em inglês dada da década de 1940, traduzida por Samuel Putnam. Ver: Cunha, Euclides da. *Rebellion in the Backlands*. University of Chicago Press, New York, 1944.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

história da destruição do povoado de Belo Monte, em Canudos, e da resistência dos seguidores do líder religioso Antonio Conselheiro em face a quatro expedições do Exército brasileiro até que sobrassem apenas quatro de seus defensores, "um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados", nas palavras do jornalista Euclides da Cunha (608).

Euclides só passou 18 dias no "teatro de operações" e não foi testemunha ocular da dramática tomada do povoado, em 5 de outubro de 1897. O escritor acompanhou as últimas batalhas não só como correspondente do jornal O Estado de S.Paulo, mas também na qualidade de tenente reformado e adido do ministro da Guerra, marechal Carlos Bittencourt, com direito a um ordenança, uma espécie de secretário pago pelo Exército, para servi-lo. Se silenciou nas reportagens publicadas na imprensa, cinco anos depois denunciaria a campanha militar como "na significação integral da palavra, um crime".[5]

Mas, se a influência de *Os Sertões* e de seu autor são inegáveis, como previa Barthes, a importância deste exemplar está baseada menos no nome de quem o escreveu do que no surpreendente nome de quem o leu, ainda que a fama do autor em questão não seja pequena. E que ela só tenha aumentado desde que Euclides da Cunha "dormiu desconhecido e acordou célebre" devido ao impacto do lançamento de *Os Sertões*, nas palavras de uma das estrelas de sua época, o cientista social Sílvio Romero.[6] O livro publicado cinco anos após o fim do conflito, acordou a população do país para uma verdadeira guerra civil em que o Exército brasileiro usou de todo o seu poderio militar para massacrar a população de um povoado, estimada em 25 mil pessoas. O assassinato brutal de prisioneiros, incluindo mulheres e crianças, fez o Brasil questionar o papel dos militares como o próprio Euclides, tenente reformado, e Dilermando de Assis, o jovem e garboso amante de sua mulher, que chegaria a general.

Euclides conta com pelo menos dez biografias (Santos, "Euclides", 12). Dilermando, apenas um livro dilacerante escrito por sua filha mais nova, Dirce Cavalcanti de Assis, intitulado *O pai*. Durante muito tempo, foi uma das poucas pessoas a saber da existência deste exemplar de *Os Sertões* anotado pelo homem que matou Euclides da Cunha em 15 de agosto de 1909, quando o escritor foi a sua casa disposto a vingar sua honra de marido traído. Foi ela quem, preocupada com sua conservação numa cidade úmida como o Rio de Janeiro, doou o exemplar deixado pelo pai ao poeta, professor de literatura e membro da Academia Brasileira de Letras, Antonio Carlos Secchin, dono de uma biblioteca devidamente equipada para proteger manuscritos, cartas e obras raros.

5. Cunha, 1905, Nota Preliminar. Para uma melhor compreensão do papel do jornalista Euclides da Cunha e de outros repórteres na Guerra de Canudos, ver Galvão, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais*. Cepe Editora, Recife, 2019.

6. Romero, Silvio. "Academia Brasileira de Letras: Discurso pronunciado a 18 de dezembro de 1906, por ocasião da recepção de Euclides da Cunha". In: *Provocações e debate: contribuição para o estudo do Brazil Social*. Livraria Chardron, Porto, 1910.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

Consciente da singularidade deste livro, foi o atual guardião quem revelou sua existência em um artigo num jornal de grande circulação, na época em que o autor foi homenageado pelo maior festival literário do país, a Flip, em 2018. Secchin reconhece no texto que, à primeira vista, parece um exemplar sem maior valor, com manchas, anotações a lápis feitas pelo antigo proprietário e uma encadernação equivocada, que aparou o livro no comprimento e na largura, cortando assim boa parte dos comentários manuscritos. Nada, portanto, que chamasse a atenção de um bibliófilo como ele, ocupante da Cadeira número 19 da Academia Brasileira de Letras, colecionador de manuscritos e primeiras edições preciosas. "A importância desse exemplar avulta extraordinariamente quando sabemos o nome de seu antigo proprietário: Dilermando de Assis — o homem que, em legítima defesa, matou Euclides da Cunha no dia 15 de agosto de 1909".[7]

Repercussão não faltou ao tórrido caso de amor entre a esposa de Euclides, Anna Ribeiro da Cunha, com o rapaz 16 anos mais novo, que ganhou não só as páginas dos jornais do início do século 20, como uma minissérie de tevê, uma ópera e vários romances históricos. O affair entrou para a história como A Tragédia da Piedade e de certa forma contribuiu para que o nome de Euclides da Cunha ganhasse uma popularidade inédita, mesmo entre quem nunca leu nenhum livro seu, e que nunca mais fosse esquecido.

"A imagem da literatura que podemos encontrar na cultura corrente é tiranicamente centrada no autor, na sua pessoa, na sua história, nos seus gostos, nas suas paixões" (Barthes 58), critica Barthes em seu ensaio de 1968, abrindo as portas para uma nova teoria da recepção. Já o leitor seria "um homem sem história, sem biografia, sem psicologia" (64). A proposta barthesiana é radical: inverter a história. "O nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor" (64), pontifica, na última linha de seu ensaio. É o que tenho buscado nos últimos dois anos: jogar luzes sobre quem foi Dilermando de Assis e por que se dedicou a reler a obra prima do célebre rival, a ponto de deixar anotações e sublinhados em quase um sexto de suas 619 páginas.

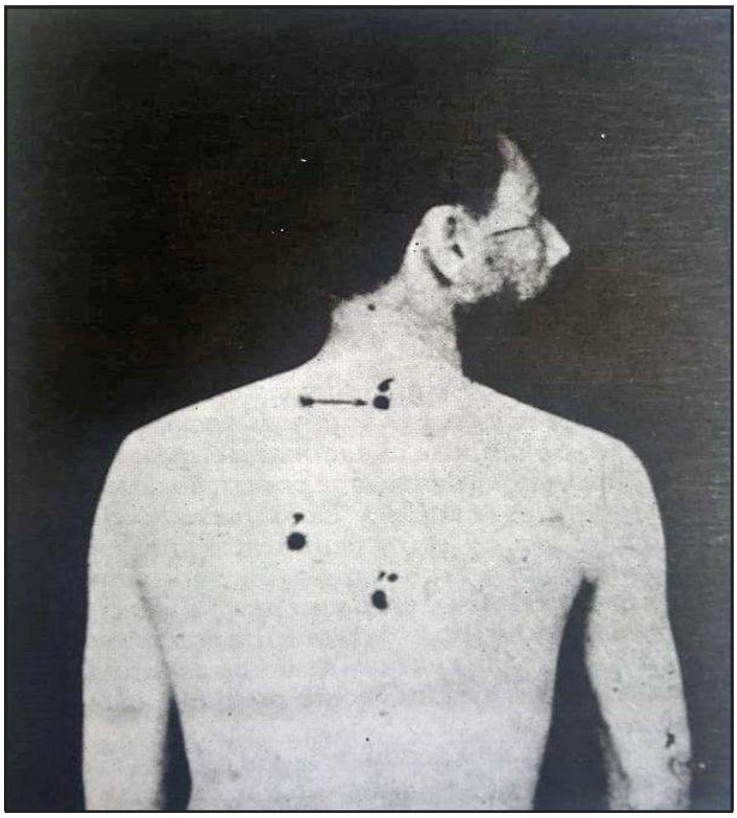
Ao ler *Os Sertões* guiada por este leitor em especial, busco estabelecer um diálogo extemporâneo entre o autor e seu grande rival, reviver a letra morta em suas páginas. A proposta é explorar a marginália num livro híbrido entre ensaio e romance, inspirado no clássico *O papagaio de Flaubert*, de Julian Barnes. Só seu narrador é ficcional: um revisor obcecado por encontrar erros em obras primas e que tem um motivo especial para se vingar de Euclides da Cunha.[8] É também um ensaio filosófico sobre o erro e

7. Trecho de Secchin, Antonio Carlos. "Os Sertões: embate de Euclides da Cunha e Dilermando de Assis continua". *O Globo*, 20 Jan. 2018. oglobo.globo.com/cultura/os-sertoes-embate-deeuclides-da-cunha-dilermando-de-assis-continua-22308941. Acesso em: 12 Maio 2020.

8. Uma primeira versão foi apresentada na revista "Brasiliana: Journal for Brazilian Studies", do King 's College de Londres, em 2020. "Eu vejo teus erros: anotações de Dilermando de Assis num exemplar de Os Sertões de Euclides da Cunha". *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v. 9, Londres, pp. 553–579. tidsskrift.dk/bras/article/view/120389.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

a imperfeição, na vida e na arte. Intitulado *Eu vejo teus erros*, o romance ainda em elaboração se propõe a recortar *Os Sertões,* reproduzindo as páginas diligentemente anotadas por Dilermando, assim como os processos que libertaram o leitor por ter agido em legítima defesa e o inventário de todos os bens que Euclides da Cunha deixou para a mulher que o traiu, incluindo sua biblioteca, além das reportagens explorando de forma sensacionalista o escandaloso adultério, com as fotos das costas nuas de Dilermando de Assis furadas das balas de Euclides da Cunha e seu filho.[9]



O objetivo é produzir uma obra que pode ser conceituada como *visual writing*, em que texto e imagem dialogam, gerando um produto híbrido. Muito mais do que um livro ilustrado, uma obra de *visual writing* pode ser definida como "um texto que não é nem puramente escrito nem puramente visual", como define Zoe Sadokierski".[10] A estratégia narrativa, usada por autores como W.G. Sebald, Jonathan Safran Foer e Dave Eggers, põe em xeque a ideia de que um romance deve ser escrito apenas com palavras. Nestes romances pouco ortodoxos, "palavra e imagem podem se combinar para formar um tipo de experiência de leitura que não é nem puramente verbal nem puramente visual", explica Sadokierski (introdução, p. IX).

9. Em 1916, Dilermando sofreu novo atentado, desta vez foi Euclides da Cunha Filho, de 22 anos, quem resolveu vingar a honra do pai, atirando no padrasto. Dilermando reagiu e matou o filho de Euclides e Anna, crime do qual foi absolvido, novamente por ter agido em legítima defesa.

10. Zoe Sadokierski explora esta confluência entre literatura e comunicação visual em sua tese de doutorado *Visual writing: A critique of graphic devices in hybrid novels, from a Visual Communication Design perspective*. University of Technology, Sydney, 2010. opus.lib.uts.edu.au/handle/2100/1042.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

Não se trata exatamente de uma novidade. Este tipo de experiência se insere numa tradição bem mais antiga de vanguarda da literatura latino-americana, que tem pioneiros como Macedonio Fernández e seu *Museu do romance da Eterna*.[11] E que encontra muitos ecos na literatura brasileira contemporânea. Não só na potência visual despertada pela poesia concreta dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, mas também em obras de ficção que embaralham elementos *ready mades*, como as de Glauco Mattoso, e, mais recentemente, *Inquérito policial: Família Tobias*, de Ricardo Lísias e *Opisanie swiata* de Veronica Stigger.[12] Ou mesmo em meu romance anterior, *Sujeito oculto*, onde explorei uma marginália fictícia, inserindo elementos tipográficos.[13]

À margem da história

Além das anotações nas margens da obra-prima de seu rival, Dilermando deixou um mapa do tesouro. Duas folhas de blocos soltas, escritas dos dois lados. Nada mais, nada menos, do que um índice pessoal para a leitura de *Os Sertões*. Em geral, as anotações enumeram as dezenas de páginas em que o rival fez ressalvas ao texto de Euclides. Em grande parte, indicam erros de concordância, de grafia, de acentuação e de pontuação. Não tenho como evitar um certo alívio ao ver que mesmo um grande autor como Euclides da Cunha, publicado por uma editora importante, como a Laemmert era na época, também comete ou deixa passar por sua revisão final, erros crassos como os que Dilermando assinalou, na página 47, numa frase de apenas seis minúsculas palavras: "E o sertão e uma paraizo" (Cunha 47).

Mas o índice de Dilermando é bem mais do que uma mera curiosidade literária. Nele, o futuro general do Exército abre interessantes janelas para duas questões que até hoje assombram a sociedade brasileira: o legado que as ideias racismo científico deixaram na formação intelectual do país e a violência com que os militares enfrentam conflitos sociais, como a Guerra de Canudos, desprezando a lei e abatendo seus inimigos sem piedade, mesmo que velhos, mulheres e crianças inocentes.

---

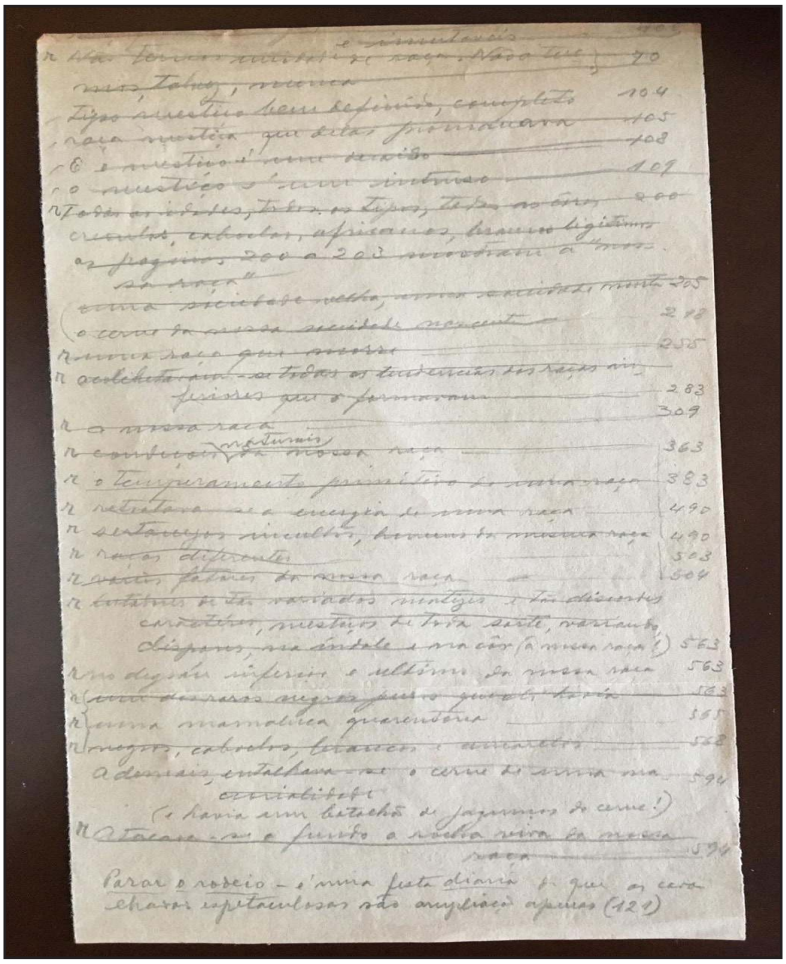
11. Sobre a influência de Macedonio Fernández, em especial *Museo de la novela de la Eterna*; *primera novela buena*. Corregidor, Buenos Aires, 1975, ver: sul21.com.br/noticias-em-geral/2011/03/o-acontecimento-literario-do-ano-lancado-o-museu-do-romance-da-eterna/.

12. Sobre a proposta de visual writing da poesia concreta, ver: www.augustodecampos.com.br/poemas.htm. Sobre o uso de ready mades por Glauco Mattoso, ver: colecaolivrodeartista.wordpress.com/2012/04/30/glauco-mattoso-jornal-dobrabil. Para compreender a confusão entre ficção e realidade na obra de Ricardo Lísias, ver *Inquérito policial: A Família Tobias*. Editora Lote 42, São Paulo, 2016, ver: epoca.oglobo.globo.com/vida/noticia/2016/05/acusado-de-falsificar-documento-autor-transforma-sua-historia-em-livro-e-peca-teatral.html. Sobre o processo criativo de Veronica Stigger em *Opisanie swiata*. Sesi-SP Editora, São Paulo, 2013, ver: cultura.estadao.com.br/noticias/geral,veronica-stigger-estreia-no-romance-com-o-premiado-opisanie-swiata,1109339.

13. Sobre o uso da marginália em *Sujeito oculto*. E-Galáxia/Aeroplano Editorial, São Paulo, 2014, ver: oglobo.globo.com/cultura/livros/em-novo-romance-escritora-usa-plagio-como-recurso-literario-14668102.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

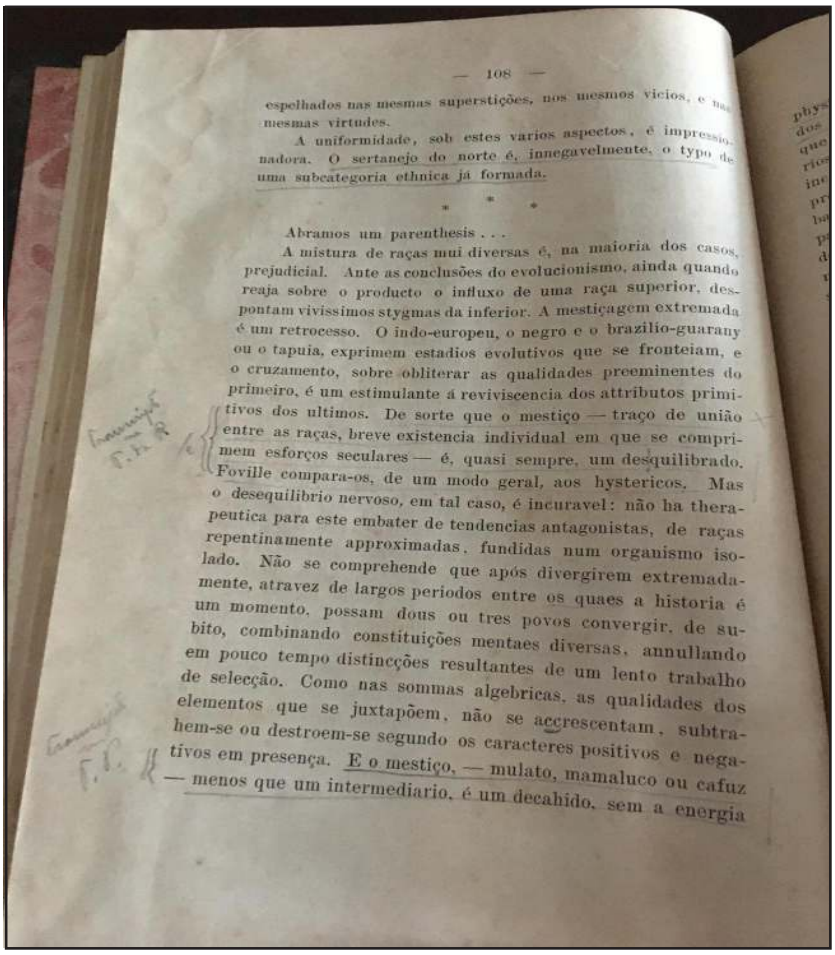
Em uma das quatro páginas de seu índice, Dilermando enumera dezenas de páginas de *Os Sertões*, assinalando-as com a letra "r", minúscula. Não é difícil adivinhar o significado, tantas vezes a palavra se repete nos trechos que ele assinala: "raça".



Colocadas lado a lado, as páginas sobre a questão racial originalmente dispersas em *Os sertões* chegam a assustar. É como se formassem um livro dentro do livro, como *Tree of codes*, de Jonathan Safran Foer, foi recortado do livro de contos *The street of crocodiles*, de Bruno Schulz.[14] Em sua obra, Foer faz uso de uma técnica artística chamada de *die-cut*, ou de recortes, originalmente proposta por Brion Gysin e William Burroughs na década de 1960, que sugere borrar ou recortar parte do original para formar, com o que resta, uma nova história (Miles). Mas o que aparece quando recortamos as páginas de Euclides da Cunha voltadas para a discussão racial embaralhadas nas centenas de páginas de *Os Sertões* e as colocamos na sequência sugerida pelo rival? Ao reproduzir as páginas sublinhadas por ele e suas anotações, meu objetivo é que o leitor veja com seus próprios olhos e tire suas próprias conclusões.

14. Sobre o processo de construção de *Tree of codes*. Visual Editions, London, 2010, ver o vídeo: www.youtube.com/watch?v=dsW3Y7EmTlo.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021



— 108 —

espelhados nas mesmas superstições, nos mesmos vicios, e nas mesmas virtudes.

A uniformidade, sob estes varios aspectos, é impressionadora. O sertanejo do norte é, innegavelmente, o typo de uma subcategoria ethnica já formada.

* * *

Abramos um parenthesis . . .

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o producto o influxo de uma raça superior, despontam vivissimos stygmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brazilio-guarany ou o tapuia, exprimem estadios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante á reviviscencia dos attributos primitivos dos ultimos. De sorte que o mestiço — traço de união entre as raças, breve existencia individual em que se comprimem esforços seculares — é, quasi sempre, um desquilibrado. Foville compara-os, de um modo geral, aos hystericos. Mas o desequilibrio nervoso, em tal caso, é incuravel: não ha therapeutica para este embater de tendencias antagonistas, de raças repentinamente approximadas, fundidas num organismo isolado. Não se comprehende que após divergirem extremadamente, atravez de largos periodos entre os quaes a historia é um momento, possam dous ou tres povos convergir, de subito, combinando constituições mentaes diversas, annullando em pouco tempo distincções resultantes de um lento trabalho de selecção. Como nas sommas algebricas, as qualidades dos elementos que se juxtapõem, não se accrescentam, subtrahem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença. E o mestiço, — mulato, mamaluco ou cafuz — menos que um intermediario, é um decahido, sem a energia

Sem dúvida, é difícil para um leitor contemporâneo não se sentir desconfortável diante da forma como *Os Sertões* retrata o que considera a inferioridade racial de africanos, indígenas e mestiços, sublinhadas por Dilermando, especialmente quando os trechos do livro dedicados ao tema são colocados lado a lado e não diluídos pela prosa hipnótica de Euclides da Cunha. Seu índice reúne apenas uma pequena parte das páginas anotadas nas margens de *Os Sertões*. Usei uma ferramenta do Google News Lab especialmente desenhada para jornalistas investigativos, chamada Pinpoint, capaz de fazer pesquisa avançada em diversos documentos ao mesmo tempo, para checar seus dados. No plural ou no singular, a palavra raça foi usada não menos do que 80 vezes em *Os Sertões*.[15] Sem contar com a ajuda da inteligência artificial, Dilermando identificou as mais relevantes e polêmicas citações.

Mas é preciso advertir: antes de acusar o autor de *Os Sertões de* racismo, é necessário compreender o contexto histórico em que viveu e os debates sobre raça e mestiçagem que dominavam o ambiente intelectual brasileiro, por sinal, populado por muitos exemplos que contradiziam as teses do racismo científico importadas da Europa. Foram contemporâneos de Euclides no período que vai do reinado de Dom Pedro II e início

15. Sobre a ferramenta Pinpoint, ver: journaliststudio.google.com/pinpoint/about.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

da era republicana, vários negros e mestiços influentes e intelectualmente respeitados, como os escritores Machado de Assis, João do Rio e Lima Barreto, o engenheiro André Rebouças, o diplomata Domício da Gama, o jornalista José do Patrocínio, e seu grande amigo e mentor, o engenheiro e geógrafo Teodoro Sampaio. Mesmo reconhecendo o brilhantismo de homens como eles não eram raros, o escritor os classifica no livro como intelectuais impuros, que mesmo capazes "das grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstratas, todo esse vigor mental repousa (salvante os casos excepcionais cujo destaque justifica o conceito) sobre uma moralidade rudimentar, em que se pressente o automatismo impulsivo das raças inferiores" (Cunha 109).

Pensar a adesão de Euclides às teorias supremacistas da virada do século passado como um simples caso de racismo seria cair num ridículo anacronismo, já que é uma posição intelectual condizente com as teorias científicas da época, importadas da Europa. O que não quer dizer que se deve fechar os olhos a essa faceta da colonização do imaginário latino-americano que o autor faz questão de incorporar a seu livro e o quanto ela pode ter contaminado a formação intelectual brasileira a partir de suas raízes. Vários autores já ousaram apontar o absurdo silenciamento de *Os Sertões* sobre o elemento negro, especialmente a partir das pesquisas do historiador José Calasans com os sobreviventes de Canudos. E ainda o erro o erro de projetar em Euclides o papel de fundador do mito da mistura de raças como a base da identidade nacional brasileira, especialmente a partir de sua ressignificação por Gilberto Freyre, quando a mestiçagem passa a assumir um valor positivo. Hoje, é mais fácil perceber que o processo de elevação de *Os Sertões* ao patamar que chegou só foi possível pelo silenciamento do desconforto que as ideias supremacistas de Euclides provocam em seus estudiosos e leitores mais qualificados, como vem sendo apontado por pesquisadores contemporâneos como Luiz Costa Lima and Regina Abreu.

A incrível fama alcançada pelo livro leva a reações passionais ainda hoje, que vão de sua "monumentalização" (Abreu) à real possibilidade de seu "cancelamento" (Saint Louis), baseado numa compreensão muitas vezes rasa de conceitos complexos como raça e etnicidade, que na prática desqualificaria não só *Os Sertões* mas praticamente toda a literatura do passado graças a análises mais militantes do que intelectualmente respaldadas. Mas, no final das contas, não seria a onda de cancelamentos de escritores por sua posição com relação a questões identitárias a vitória de uma massa de leitores sobre o autor destituído de seu poder e autoridade, uma espécie de efeito colateral do movimento descrito por Barthes e da mudança de paradigma por ele proposta?

Um clássico não é sinônimo de livro perfeito e incriticável, assim como não existe escritor sem defeitos. Um clássico é um livro cheio de camadas, que se renova a cada leitura, mesmo que seja a do homem responsável pela morte do autor. Sem saber, Di-

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

lermando atirou no que viu e acertou no que não viu, atingindo Euclides novamente em suas páginas. Sua marginália nos leva a pensar: como a obra-prima de Euclides da Cunha pode sobreviver a uma nova onda de releituras, profundamente influenciadas pelos estudos decoloniais e pela *critical race theory,* que não fecham os olhos a seus erros interpretativos e equívocos conceituais? Por outro lado, essa leitura não traria o risco de apagar as enormes virtudes deste livro, sua impressionante potência literária e seu papel fundamental na denúncia de um modelo autoritário de ordem e progresso que até hoje se repete no Brasil, a cada vez que uma operação policial ou militar invade uma comunidade pobre, periferias vistas, assim como Canudos, como "o homízio de famigerados facínoras", como o próprio Euclides descreve seus habitantes? (193)

Sem dúvida, entre todos os temas levantados pela marginália de Dilermando de Assis, o binômio "raça/identidade" é o mais complexo. E, por esta mesma razão, o mais importante, especialmente quando o Brasil experimenta uma mudança de paradigma na forma como encara temas como racismo e miscigenação, questionando os efeitos práticos que o mito de democracia racial teve na construção de uma sociedade profundamente desigual e na consolidação de estruturas sociais profundamente discriminatórias.

O papel dos intelectuais na perpetuação do legado da escravidão e do racismo no sistema cultural brasileiro não pode ser subestimado. Para explicar um levante social que começa em 1896, menos de dez anos depois da abolição da escravatura, em 1888, Euclides da Cunha optou por ancorar sua análise nas teorias do racismo científico e do evolucionismo social de autores como Foville[16], Buckle,[17] Taine[18] e Gumplowicz.[19.] Assim como nas ideias de pensadores nacionais alinhados com eles, como o médico e psiquiatra Nina Rodrigues. Seu livro retrata uma era em que o preconceito racial não precisava ser disfarçado e frases como "a miscigenação é um retrocesso" podiam ser ditas em alto e bom som, sem provocar escândalo (Cunha 108). O que choca, no entanto, é que mesmo depois de completamente desacreditado, os ecos do discurso propagado pelo racismo científico e pelo evolucionismo social ainda possam ser ouvidos no Brasil contemporâneo, a cada vez que uma autoridade, refletindo o senso comum, culpa a preguiça dos indígenas e a malandragem dos africanos por nossa incapacidade de nos tornarmos uma nação civilizada e próspera. Não há como fechar os olhos ao papel de Euclides da Cunha na propagação de ideias supremacistas em seu livro, considerado uma espécie de bíblia da nacionalidade brasileira (Abreu).

16. Achille-Louis-François de Foville (1831-1878) foi um psiquiatra francês membro da Sociedade Etnográfica de Paris, que viajou às Américas e África.

17. Henry Thomas Buckle (1821-1862) foi um historiador inglês e autor da *History of civilization in England*. J. W. Parker and Son, London, 1852.

18. Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893) foi um crítico e historiador francês, que propôs a ideia de positivismo sociológico autor de *Essai sur Tite-Live* [1856] Economica, Paris, 1994.

19. Ludwig Gumplowicz (1808-1909) é um historiador e cientista social, autor de *La lutte des races*. Librairie Guillaumuin, Paris, 1893.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

Mas o que Euclides escreveu sobre o homem do interior nordestino com base nestas teorias raciais supremacistas esbarra num problema: como aquele mestiço que ele tantas vezes ele inferioriza conseguiria vencer forças maiores e muito mais aparelhadas (Canudos foi a primeira guerra em que o Exército brasileiro usou dinamite e metralhadoras)? Dilermando vai explorar exaustivamente esta incongruência do autor, que ora elogia, ora desmerece, o sertanejo. O que ele não vê (ou não quer ver) é que Euclides vai mudando sua posição ao longo da escrita e talvez por isso *Os Sertões* é uma obra tão rica e complexa. De certa forma, sua terceira parte (A Luta) contradiz as duas primeiras (A Terra e O Homem). As ideias do autor visivelmente não correspondem aos fatos. Ao descrever a resistência dos guerreiros do místico Antonio Conselheiro, *Os Sertões* carrega a semente da própria destruição de seu arcabouço teórico evolucionista.

Uma segunda janela para a sociedade brasileira se abre quando Dilermando dá voz, em suas marcações, e especialmente no livro que escreveu a partir delas, à crítica a Euclides feita nos meios militares, que ficaram com a imagem abalada após as sucessivas derrotas e as denúncias sobre a brutalidade da guerra. Em seu livro *A tragédia da Piedade*, publicado em 1951, Dilermando diz que *Os Sertões* "é um livro que desperta mágoa, mágoa e vergonha, vergonha irreprimível para o nosso Exército". Para ele, Euclides teria desfigurado, com um "emaranhado de contradições e exageros", a história da campanha de Canudos (Assis 269). O tema do massacre de Canudos ainda é polêmico entre os militares, como comprovam documentos do final da década de 1980, recentemente desclassificados do SNI, o temido Serviço de Segurança Nacional da ditadura brasileira, demonstrando vigilância sistemática e até mesmo a infiltração de espiões em qualquer encontro de movimentos sociais ou de direitos humanos que de alguma forma fizessem referência à Guerra de Canudos.[20]

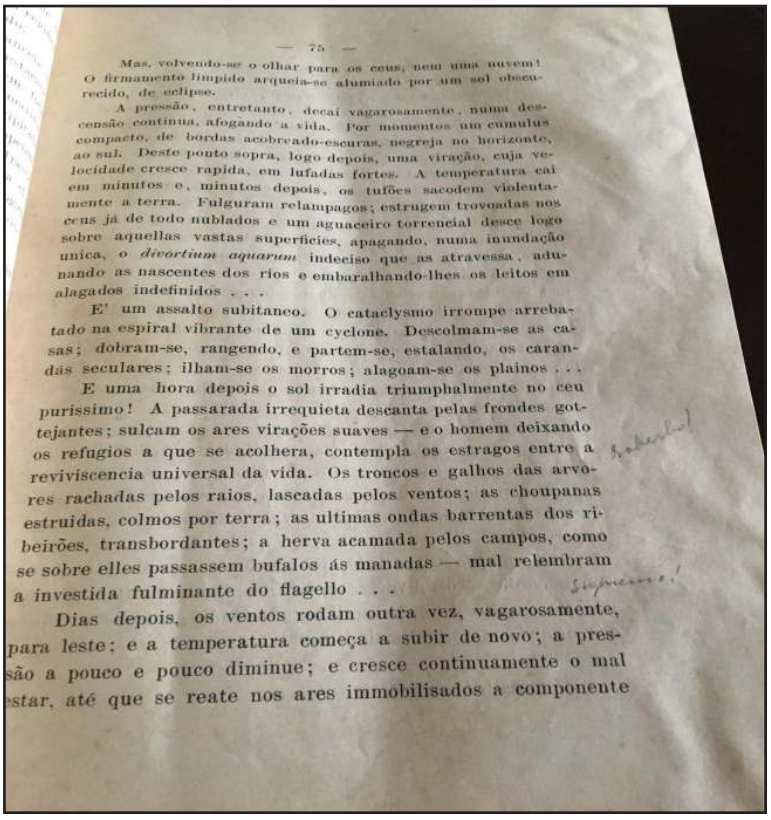
Destruído em 1897 com um enorme incêndio, que deu fim a milhares de corpos insepultos e à memória do massacre, o povoado reconstruído sobre suas ruínas foi inundado na década de 1950 para a construção de uma represa. Não se deixou pedra sobre pedra, mas sua memória sobrevive nas páginas de *Os Sertões*, ao contrário de outros movimentos de resistência ao governo no final do Império e início da República que também terminaram em barbárie e milhares de mortes. De tantas obras escritas por observadores e participantes do combate, é preciso reconhecer que foi este livro, pela potência de sua literatura, que ficou para a história. Suas frases são impactantes, suas imagens transbordantes de um colorido inigualável. Não tenho dúvidas sobre quem seria o mais forte neste duelo se fosse restrito ao texto. Euclides é imbatível se usadas suas armas.

Portanto, não é de admirar que, apesar da rivalidade, como qualquer leitor que se deixe levar pela força da prosa de Euclides da Cunha, Dilermando de Assis muitas vezes seja obrigado a baixar a guarda e se render. "Soberbo!" "Supremo!", não se furta a excla-

20. Para consulta de documentos do SNI (Serviço Nacional de Informações) que mencionem Canudos, ver sian.an.gov.br/sianex/consulta/pagina_inicial.asp.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

mar, nas margens da página 75, o leitor que matou o autor de *Os Sertões*, num domingo chuvoso em 15 de agosto de 1909, menos de sete anos depois de sua publicação. O rival chega a estabelecer uma conversa de compadres com o marido traído. Como na página em que Euclides comenta que Antonio Conselheiro, "o retrógrado do sertão", a quem acusa ao mesmo tempo de pregar "a castidade exagerada ao máximo horror pela mulher, contrastando com a licença absoluta para o amor livre, atingindo quase a extinção do casamento" (Cunha 75). Ao ler o comentário do escritor de que Conselheiro "falava de costa mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem satyros", Dilermando não contém o riso: "Olé! Jocosíssimo!".



— 75 —

Mas, volvendo-se o olhar para os ceus, nem uma nuvem! O firmamento limpido arqueia-se alumiado por um sol obscurecido, de eclipse.

A pressão, entretanto, decai vagarosamente, numa descensão continua, afogando a vida. Por momentos um cumulus compacto, de bordas acobreado-escuras, negreja no horizonte, ao sul. Deste ponto sopra, logo depois, uma viração, cuja velocidade cresce rapida, em lufadas fortes. A temperatura cai em minutos e, minutos depois, os tufões sacodem violentamente a terra. Fulguram relampagos; estrugem trovoadas nos ceus já de todo nublados e um aguaceiro torrencial desce logo sobre aquellas vastas superficies, apagando, numa inundação unica, o *divortium aquarum* indeciso que as atravessa, adunando as nascentes dos rios e embaralhando-lhes os leitos em alagados indefinidos . . .

E' um assalto subitaneo. O cataclysmo irrompe arrebatado na espiral vibrante de um cyclone. Descolmam-se as casas; dobram-se, rangendo, e partem-se, estalando, os carandás seculares; ilham-se os morros; alagoam-se os plainos . . .

E uma hora depois o sol irradia triumphalmente no ceu purissimo! A passarada irrequieta descanta pelas frondes gottejantes; sulcam os ares viraçõe suaves — e o homem deixando os refugios a que se acolhera, contempla os estragos entre a reviviscencia universal da vida. Os troncos e galhos das arvores rachadas pelos raios, lascadas pelos ventos; as choupanas estruidas, colmos por terra; as ultimas ondas barrentas dos ribeirões, transbordantes; a herva acamada pelos campos, como se sobre elles passassem bufalos ás manadas — mal relembram a investida fulminante do flagello . . .

Dias depois, os ventos rodam outra vez, vagarosamente, para leste; e a temperatura começa a subir de novo; a pressão a pouco e pouco diminue; e cresce continuamente o mal estar, até que se reate nos ares immobilisados a componente

Profanando um livro

Não sabemos exatamente quando Dilermando teria lido com olhos de lince a obra de seu rival, nem se todas as marcações em lápis, algumas em azul e vermelho, foram feitas na mesma época. Assim como as marcações mais comuns de leitores que escrevem em livros, as do rival de Euclides da Cunha não passam de simples sinais de atenção, um sublinhado, uma seta, um asterisco, um ponto de interrogação ou exclamação, uma provável reação emocional a que estava lendo.[21] São fragmentos que exigem de quem vai pesquisar

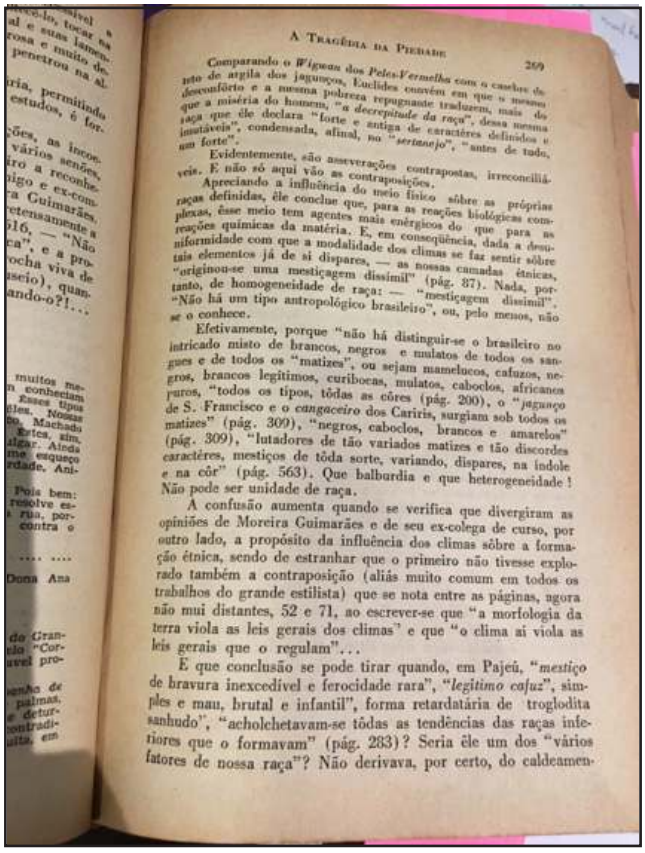
21.Sobre a técnica e história da marginália, ver Jackson, H. J. *Marginalia: Readers writing in Books*. Yale University Press, New Haven, 2001.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

um livro anotado por outro leitor um esforço de investigação para serem compreendidos. É preciso aguçar os sentidos para ouvir o diálogo que se estabelece entre anotador e autor.

Para um escritor sem imaginação, é uma chance irrecusável de escrever uma história em que já estão presentes os melhores elementos de um romance: drama, com direito a *plot twists*, personagens complexos, desejos proibidos, contexto histórico e cenários fascinantes. E ainda diálogos inteiros que podem ser recortados das obras, cartas e entrevistas de cada um dos protagonistas, dando a exata dimensão do timbre de suas vozes, suas hesitações, seus vícios de linguagem, a tortuosidade de seu raciocínio.

No embate entre dois rivais que se enfrentaram a tiros, marido e amante da mesma mulher, só o leitor sobrevive. Mais do que isso: usou as marcações no livro do homem que matou para escrever seu próprio livro e sua própria versão da história, *A tragédia da Piedade: mentiras e calúnias da "A vida dramática de Euclides da Cunha"*, publicado mais de quatro décadas depois do embate fatal, em que Dilermando destila toda sua raiva contra o homem que tentou matá-lo (Assis). Trata-se de uma chance única de comparar anotações e sua elaboração final. Normalmente, um pesquisador de marginália pode apenas intuir o que passa na cabeça de um leitor a partir das marcações. Mas quando encontra referências a elas num livro escrito pelo próprio anotador, a coisa muda de figura. Os papéis se invertem. De leitor ele passa a autor, como na página abaixo, em que Dilermando retoma suas anotações sobre os equívocos de *Os Sertões* ao falar de raça.



A Tragédia da Piedade 269

Comparando o *Wigwam* dos *Peles-Vermelha* com o casebre de neto de argila dos jaguanços, Euclides convém em que o mesmo desconfôrto e a mesma pobreza repugnante traduzem, mais do que a miséria do homem, "*a decrepitude da raça*", dessa mesma raça que êle declara "forte e antiga de caracteres definidos e inestáveis", condensada, afinal, no "*sertanejo*", "antes de tudo, um forte".

Evidentemente, são asseverações contrapostas, irreconciliáveis. E não só aqui vão as contraposições.

Apreciando a influência do meio físico sôbre as próprias raças definidas, êle conclue que, para as reações biológicas complexas, êsse meio tem agentes mais enérgicos do que para as reações químicas da matéria. E, em conseqüência, dada a desuniformidade com que a modalidade dos climas se faz sentir sôbre tais elementos já de si dispares, — as nossas camadas étnicas, "originou-se uma mestiçagem dissimil" (pág. 87). Nada, portanto, de homogeneidade de raça: — "mestiçagem dissimil". "Não há um tipo antropológico brasileiro", ou, pelo menos, não se o conhece.

Efetivamente, porque "não há distinguir-se o brasileiro no intricado misto de brancos, negros e mulatos de todos os sangues e de todos os "matizes", ou sejam mamelucos, cafuzos, negros, brancos legítimos, curibocas, mulatos, caboclos, africanos puros, "todos os tipos, tôdas as côres (pág. 200), o "*jaguanço* de S. Francisco e o *cangaceiro* dos Cariris, surgiam sob todos os matizes" (pág. 309), "negros, caboclos, brancos e amarelos" (pág. 309), "lutadores de tão variados matizes e tão discordes caractéres, mestiços de tôda sorte, variando, dispares, na índole e na côr" (pág. 563). Que balburdia e que heterogeneidade! Não pode ser unidade de raça.

A confusão aumenta quando se verifica que divergiram as opiniões de Moreira Guimarães e de seu ex-colega de curso, por outro lado, a propósito da influência dos climas sôbre a formação étnica, sendo de estranhar que o primeiro não tivesse explorado também a contraposição (aliás muito comum em todos os trabalhos do grande estilista) que se nota entre as páginas, agora não mui distantes, 52 e 71, ao escrever-se que "a morfologia da terra viola as leis gerais dos climas" e que "o clima aí viola as leis gerais que o regulam"...

E que conclusão se pode tirar quando, em Pajeú, "*mestiço* de bravura inexcedível e ferocidade rara", "*legítimo cafuz*", simples e mau, brutal e infantil", forma retardatária de troglodita sanhudo", "acholchetavam-se tôdas as tendências das raças inferiores que o formavam" (pág. 283)? Seria êle um dos "vários fatores de nossa raça"? Não derivava, por certo, do caldeamen-

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

De certa forma, assim como um analista, em tese, pode ler os sonhos dos pacientes como uma forma de chegar ao inconsciente deles, nós, estudiosos da marginália, tentamos descobrir em livros anotados os reflexos da vida interior de quem os marcou. Para nós, a leitura é uma espécie de escrita feita tanto com os olhos quanto com as mãos. Não vemos muita graça em livros virgens ou edições *princeps*. Preferimos buscar tesouros escondidos entre as linhas. Como acontece ao se descobrir a semente dos heterônimos de Fernando Pessoa numa frase do poeta John Keats sublinhada em sua biblioteca? "O poeta é a coisa menos poética de toda a existência porque não tem identidade; ele está continuamente no lugar de outro, preenchendo outro corpo", afirma Keats e põe em prática Pessoa.[22]

No mundo digital, vasculhar a biblioteca anotada e, assim, desvendar o processo criativo de um anotador famoso é um prazer cada vez mais acessível ao voyerismo dos leitores. Assim como não é preciso ir a Portugal para tocar nos livros com a marginália de Fernando Pessoa, não é necessário ir à França para explorar cada referência do livro *Gramatologia* do filósofo Jacques Derrida. Um site permite que se consulte a sua cópia pessoal de cada obra citada no livro. Num cut-up involuntário, devido a restrições para a reprodução de livros de terceiros, sujeitas a direitos autorais, apenas as páginas anotadas correspondentes às referências feitas na obra de Derrida são mostradas no site. Mas os interatores têm acesso às capas dos livros e às numerosas inserções feitas pelo filósofo, que vão de anotações e sublinhados a *post-its* e índices pessoais.[23]

No Brasil, sob incentivo de Antonio Candido, um grupo de estudantes da USP, incluindo Walnice Nogueira Galvão e Telê Ancona Lopes, realizou pesquisas pioneiras sobre a instigante marginália do escritor Mário de Andrade, já na década de 1960.[24] Mas, provavelmente, o primeiro estudo tenha sido realizado por Jango Fisher, na década de 1940, ao levantar os livros anotados da biblioteca do barão do Rio Branco. Por coincidência, o chanceler brasileiro foi um dos maiores apoiadores de Euclides da Cunha, e responsável por sua ida para o Acre, o que acabou sendo sua ruína. Na sua ausência, sua mulher Anna, então com 33 anos, se apaixonou por um rapaz de apenas 17 anos. Ninguém menos do que o leitor que mataria o autor.

Segundo o biógrafo de Rio Branco e de Euclides da Cunha, Luís Cláudio Villafañe G. Santos, o barão tinha o hábito de "dialogar" com os autores dos livros que lia, seja como marginália propriamente dita, seja como textos para rebater os autores lidos, eventualmente escrevendo até uma anotação maior do que o texto original.

---

22. Para explorar a marginália de Fernando Pessoa, ver: bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/anotacoes.htm.

23. Para explorar a marginália de Jacques Derrida, ver: derridas-margins.princeton.edu/.

24. A memória deste curso pode ser consultada em: teoriaedebate.org.br/2013/01/04/o-mundo-de-mario-de-andrade/.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

> A verdadeira dimensão da biblioteca privada de Paranhos nunca foi estabelecida com precisão. De acordo com diversas fontes, seriam 6 mil livros; porém, quando, depois de sua morte, ela foi vendida pelos herdeiros e incorporada ao acervo do Itamaraty, o bibliotecário Jango Fisher, encarregado de preparar um estudo sobre a biblioteca de Rio Branco para as comemorações do centenário de seu nascimento em 1945, comentou que "muitos livros citados pelo Barão e que certamente faziam parte de sua biblioteca estão desaparecidos e alguns em mãos de particulares". O certo é que se tratava de um acervo de livros e documentos considerável e bastante valioso, que Rio Branco estudou com cuidado, como comprovam as muitas observações e notas que registrava nos próprios livros. Fisher dedicou-se a examinar as anotações de Paranhos nos exemplares de sua coleção particular. De acordo com sua pesquisa, Paranhos estudou "1157 obras de 966 autores em cujos 1848 volumes foram anotadas 27458 páginas, acrescidas de 594 notas coladas e mais de 767 soltas". Se a quantidade de anotações por si só impressiona, a extensão e o método (ou a aparente falta deste) deixa claro o empenho com que perscrutava seus livros e documentos.
>
> [...] É de observar que, se há páginas com apenas uma palavra ou uma cifra como anotação, numerosas são as que, repletas as margens e até mesmo as entrelinhas, ele as continuava em pedaços de papel de tamanho vário, ora colados, ora soltos entre as folhas. Algumas, quando numerosas as folhas, eram amarradas com barbante ou presas por alfinetes; outras foram coladas em seguimento, chegando, por vezes, a medirem 65 e até 78 centímetros de comprimento [...] em diversos [livros] há notas que são verdadeiros capítulos acrescentados ao texto". (Santos 117-118)

O mais surpreendente é que o exemplar da primeira edição de Os Sertões com dedicatória de Euclides para o barão do Rio Branco, que integra sua biblioteca no Palácio do Itamaraty, esteja virgem. A falta de qualquer anotação denuncia que Rio Branco provavelmente nunca leu o livro.

Se os estudos da marginália são recentes, o hábito de escrever nas margens de outros autores é muito mais antigo. Originalmente designado para os desenhos que ilustravam as iluminuras dos manuscritos medievais, o termo marginália tem uma história ainda mais antiga: o escólio (em grego scholion, sinônimo de comentário e interpretação). Inseridas no manuscrito de um autor da Antiguidade, como glosa, as notas explicativas que deram origem às atuais notas de rodapé, no passado ocupavam tanto as margens ou o espaço entre as linhas. Curiosamente, entre os mais famosos, está o escólio de Proclo Lício sobre os *Elementos*, uma das principais obras do matemático grego Euclides de Alexandria (Jackson).

A marginália, tal qual a conhecemos, é creditada como obra do poeta e ensaísta Samuel Taylor Coleridge, que fez notas nas margens de praticamente todos os livros de sua biblioteca. Num caso clássico de literatura apropriativa, o resultado foi a publicação de cinco volumes só com suas anotações (Jackson e Whalley). Mas nem sempre a marginália era intencional. Por falta de papel, outros escritores também usaram as margens,

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

como Voltaire, quando estava na prisão. Confirmando a tese de Barthes, dependendo de quem anota, um livro rabiscado pode ser muito mais valioso do que um exemplar em perfeito estado. As marcações de escritores como Herman Melville, Mark Twain, Sylvia Plath ou David Foster Wallace, habituais profanadores de livros alheios, fazem obras banais ganharem novo significado e despertam cada vez mais a curiosidade de pesquisadores (Jackson).

Por tudo isso, seria útil roubar de Michel Foucault, outro filósofo a questionar o que é autor, a frase célebre que, por sua vez, ele próprio reconhece ter tomado emprestado de Beckett: "Que importa quem fala?". No artigo com este título, que de muitas formas complementa "A morte do autor", de Barthes, Foucault vai falar do "parentesco da escrita com a morte". Segundo ele, a narrativa, ou a epopéia dos gregos, era destinada a perpetuar a imortalidade do herói. "Se o herói aceitava morrer jovem, era porque sua vida, assim consagrada e magnificada pela morte, passava à imortalidade" (Foucault 34-36). Ao viver uma tragédia e falecer aos 43 anos, não teria sido exatamente este o destino do autor de *Os Sertões*, o imortal Euclides da Cunha, adjetivo que carrega todo ocupante de uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, como a que ele conquistou pela maioria dos votos em 1906, apenas um ano depois de publicar seu primeiro livro?

> Esse tema da narrativa ou da escrita feitos para exorcizar a morte, nossa cultura o metamorfoseou; a escrita está atualmente ligada ao sacrifício, ao próprio sacrifício da vida; apagamento voluntário que não é para ser representado nos livros, pois ele consumado na própria existência do escritor. A obra que tinha o dever de trazer a imortalidade recebeu agora o direito de matar, de ser assassina do seu autor. Vejam Flaubert, Proust, Kafka. Mas há outra coisa: essa relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve; através de todas as chicanas que ele estabelece entre ele e o que ele escreve, o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita. Tudo isso é conhecido; faz bastante tempo que a crítica e a filosofia constataram esse desaparecimento ou morte do autor. (Foucault 36)

Referências bibliográficas

Abreu, Regina. *O enigma de Os Sertões.* Rocco, Rio de Janeiro, 1998.

Assis, Dilermando de. *A tragédia da Piedade*. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1951.

Barnes, Julian Barnes. *O papagaio de Flaubert.* Rocco, Rio de Janeiro, 1988.

Barthes, Roland. *O rumor da língua.* Martins Fontes, São Paulo, 2004.

Cavalcanti, Dirce de Assis. *O pai*. Ateliê Editorial, São Paulo, 1998.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

Costa, Cristiane. "Eu vejo teus erros: anotações de Dilermando de Assis num exemplar de Os Sertões de Euclides da Cunha." *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, v. *9*, Londres, pp. 553–579. tidsskrift.dk/bras/article/view/120389.
---. *Sujeito Oculto*. E-Galáxia/Aeroplano, São Paulo, 2014.

Cunha, Euclides da. *Os sertões*. Laemmert, Rio de Janeiro, 1905.

Fernández, Macedonio. *Museo de la novela de la Eterna*; *primera novela buena*. Corregidor, Buenos Aires, 1975.

Ferrari, Patricio. "Anotações." *Biblioteca Particular Fernando Pessoa*, Casa Fernando Pessoa, 2018. bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/index/anotacoes.htm.

Foer, Jonathan Safran. *Tree of codes.* Visual Editions, London, 2010.

Foucault, Michel. *O que é* um autor? Nova Vega, Lisboa, 2006.

Gabriel, Ruan de Souza. "Acusado de falsificar documento, autor transforma sua história em livro e peça teatral." Época, 13 Maio 2016. epoca.oglobo.globo.com/vida/noticia/2016/05/acusado-de-falsificar-documento-autor-transforma-sua-historia-em-livro-e-peca-teatral.html.

Galvão, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais*. Cepe Editora, Recife, 2019.
---. "O mundo de Mário de Andrade." *Teoria e Debate*, ed. 108, 4 Jan. 2013. teoriaedebate.org.br/2013/01/04/o-mundo-de-mario-de-andrade/.
---, organizadora. *Os Sertões: edição crítica e comentada*. Org Walnice Nogueira Galvão. Ubu Editora, São Paulo, 2016.

Jackson, H. J. *Marginalia: Readers writing in Books*. Yale University Press, New Haven, 2001.

Jackson, H.J., e Whalley, George, editores. *The collected works of Samuel Taylor Coleridge - Marginália.* Princeton University Press, Princeton, 2020.

Lima, Luiz Costa. *Terra Ignota.* Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1997.

Lísias, Ricardo. Inquérito policial: A Família Tobias. Editora Lote 42, São Paulo, 2016.

Marai, Sándor, *Veredicto em Canudos*. Companhia das Letras, São Paulo, 2002.

Mattoso, Glauco. "Jornal Dobrabil." Coleção Livro de Artista, 2012. colecaolivrodeartista.wordpress.com/2012/04/30/glauco-mattoso-jornal-dobrabil.

Miles, Barry. *Cut-ups, Cut-ins, Cut-outs, the art of William Burroughs.* Verlag fur moderne Kunst Nurnberg, Vienna, 2013.

Rodrigues, Nina. *As coletividades Anormais*. Edições do Senado Federal, Brasília, 2006.

Tenso Diagonal ISSN: 2393-6754 Nº 12 Julio-Diciembre 2021

Romero, Silvio. "Academia Brasileira de Letras: Discurso pronunciado a 18 de dezembro de 1906, por ocasião da recepção de Euclides da Cunha." *Provocações e debate: contribuição para o estudo do Brazil Social.* Livraria Chardron, Porto, 1910.

Sadokierski, Zoe. *Visual writing: A critique of graphic devices in hybrid novels, from a Visual Communication Design perspective*. University of Technology, Sydney, 2010. opus.lib.uts.edu.au/handle/2100/1042.

Santos, Luís Cláudio Villafañe G. *Euclides da Cunha: uma biografia*. Todavia, São Paulo, 2021.
---. *Juca Paranhos, o barão do Rio Branco*. Companhia das Letras, São Paulo, 2018.

Saint Louis, Hervé. "Understanding cancel culture: Normative and unequal sanctioning." *First Monday*, v. 26, n. 7, 23 Jun. 2021. firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/download/10891/10177.

Secchin, Antonio Carlos. "Os Sertões: embate de Euclides da Cunha e Dilermando de Assis continua." *O Globo*, 20 Jan. 2018. oglobo.globo.com/cultura/os-sertoes--embate-deeuclides-da-cunha-dilermando-de-assis-continua-22308941. Acesso em: 12 Maio 2020.

Stigger, Veronica. *Opisanie swiata*. Sesi-SP Editora, São Paulo, 2013.

Vargas Llosa, Mario Vargas. *A Guerra do fim do mundo*. Alfaguara, São Paulo, 2013.

VisualEditions. "Tree of Codes by Jonathan Safran Foer." *YouTube*, 2010. www.youtube.com/watch?v=dsW3Y7EmTlo.

Websites

Derrida's Margins. The Center for Digital Humanities, Princeton University. derridas--margins.princeton.edu/.

Poemas. Augusto de Campos. http://www.augustodecampos.com.br/poemas.htm.

Pinpoint. Journalist Studio. https://journaliststudio.google.com/pinpoint/about.